

As Cores do Tempo

“ZÉ VENTURA EXPÕE(-SE)”

“A verdadeira obra de arte nasce do artista - criação misteriosa, enigmática, mística. Separada dele, ela adquire vida própria, converte-se numa personalidade, num sujeito independente, animado por um sopro espiritual, um sujeito vivo, com existência real - um ser.”

Wassily Kandinsky

O artista concebe a sua obra com a força e a violência contidas no seu jacto criador. E essa obra, criatura «misteriosa, enigmática, mística», animada por um sopro espiritual, torna-se, por vezes, «um ser» dominador.

Em face da forma, da cor e da luz de um quadro ou de um objecto têxtil da Zé Ventura, o espectador é agarrado pelo permanente evoluir da mancha de tinta ou do percurso do fio, na descoberta de uma leitura que não se esgota, numa permanente novidade enquanto desafio à sensibilidade, imaginação e emoção. Ao olhar, um por um, os quadros da artista, mergulhamos no espaço infinito da criação e vagueamos, de estremeção em estremeção, no fascínio da descoberta. Em cada pintura há uma luz sempre nova, sempre outra, que nos atrai como se nos chamasse pelo nome. E surge a paixão. Uma nova forma de paixão - porque a sua pintura desenha uma poética apaixonante e é sempre um percurso de encantamento.

Gertrud Roth-Bojadzhiev, professora da Universidade de Augsburg (Alemanha), diz: (na obra de Zé Ventura) **«nada é absoluto, há sempre lugar para pequenas variações. É aqui que surge a força da intervenção criadora da Artista, da sua Arte cheia de modulações. (...) Na tela, a transposição é perfeitamente reconhecível. Nela foram utilizadas duas formas distintas de expressão, resultando daí a junção de duas possibilidades contrárias. A superfície de fundo apresenta-se cheia de manchas coloridas. A sobrepô-la é reconhecível uma camada colorida muito tênue de carácter diferente. Este processo evidencia a graciosidade e movimento que nesta obra predominam sobre todo o resto. E é exactamente neste jogo de elementos que reside a atracção das obras de Zé Ventura, sendo que toda a sua obra se desenvolve em torno desta temática.»**

Uma das particularidades de qualquer verdadeira obra de arte é ser, rigorosamente e sempre, uma transposição. No caso concreto da Zé Ventura, a artista transpõe, do mais fundo da sua alma, da sua mais profunda criatividade e sensibilidade, a vertigem da forma, da cor e da luz, (até da própria respiração e transpiração) que a inunda e alaga e que, forçosamente, transborda para a tela, para a superfície em branco do universo.

Se, para Francis Bacon, *«a pintura é um conflito, uma luta para resumir num quadro todos os seus problemas por resolver, (...) um processo de auto-reconhecimento por parte do artista»*, para Zé Ventura é uma explosão do que tem lá dentro, é o espriar de uma maré-cheia de sentimentos e de visões, que não resultam de conflitos nem de problemas por resolver, mas sim do deslumbre encantatório que a possui. Por isso, em cada Exposição, ela expõe e expõe-se. Quase despudoradamente. Em contraste com a sua timidez natural e maneira discreta de ser. Como artista, tem o dom da projecção, do mecanismo interior que a faz projectar nos outros os seus impulsos, a sua vibração, a sua claridade. *«Por detrás da matéria, no interior da matéria, esconde-se o espírito criador. A forma é a expressão exterior do conteúdo interior. O espírito de cada artista reflecte-se na forma. A forma tem o selo da sua personalidade»* diz Kandinsky na sua "Gramática da Composição".

Escreve Zé Ventura aos 22 anos: **«Sou feita das palavras dos outros, que em mim ou comigo se cruzam. (...) O desenho é para mim uma linha infinita que me envolve e me percorre».**

Em 1984 apresenta, na Galeria Mercado de Escravos, em Lagos, uma colecção de desenhos, tecelagem e panos pintados. Foi entrevistada, e revela:

«Desenho desde sempre. Ainda tenho os cadernos de quando entrei para a escola primária cheios de desenhos, e lembro-me de antes disso também desenhar. Tive na minha primeira Exposição individual um desenho de 1968.» E, mais adiante: **«com os meus desenhos não pretendo transmitir nada, cada pessoa vê aquilo que quiser ver, que seja capaz de ver, de sentir... os meus desenhos são parte de mim, é um bocado de mim que digo, não por palavras, mas por desenho, cada um entende, cada um recebe à sua maneira.»**

E à pergunta Funcionas mais no campo do real ou no campo do abstracto? responde:

«Para mim não há real nem abstracto. Confundem-se. Um quadro meu real pode ser abstracto e um abstracto pode ser real. Acabo por ser assim com tudo»

Perfeito. Este seu modo de ser e de sentir (que ainda hoje permanece) encaixa-se ponto por ponto na afirmação de Kandinsky: *«Entre estes dois pólos (a grande abstracção e o grande realismo) situam-se numerosas combinações do abstracto e do real nas suas variadas concordâncias (...) estes dois pólos são em última análise equivalentes: Realismo=abstracção / Abstracção=realismo. A maior diferença exterior transforma-se na maior semelhança interior.»*

Sendo a arte abstracta, por definição, a que não representa directamente a realidade externa, a arte não figurativa que não faz representação, ainda que derive da realidade, a pintura de Zé Ventura poderá ser incluída no abstraccionismo, dado que as formas e a cor, só por si, estimulam o espectador.

São precisamente a força e o impacto das formas e das cores que a artista utiliza que desencadeiam uma avalanche interior de incontroláveis sentimentos poéticos. Realistas.

É difícil rotular a sua arte. Nem ela o deseja e nada faz por isso. Talvez possa andar por perto de um certo Expressionismo Abstracto por sublinhar mais profundamente a individualidade e espontaneidade de expressão. No entanto, atendendo a que Monet diz que «um quadro impressionista é uma obra espontânea em vez de uma obra calculada», a espontaneidade da artista é impressionantemente expressionista...

Kandinsky abre uma brecha na muralha das dúvidas e vem iluminar o que há de «espiritualidade na arte» da Zé Ventura: *«O pintor alimenta-se de impressões exteriores (vida exterior), transforma-as na sua alma (vida interior) - a realidade e o sonho! Sem o saber. O resultado é uma obra.»*

Todos os grandes artistas são unânimes:

«É preciso acreditar no que se faz, é preciso estar comprometido interiormente para fazer pintura. (...)

A arte é a mais elevada forma de esperança», afirma o alemão Gerhard Richter, um dos maiores pintores contemporâneos.

E Antoni Tàpies completa:

«Pintar é uma forma de reflectir sobre a vida - a reflexão é mais activa que a contemplação pura - é uma vontade de ver e aprofundar a realidade, de colaborar na sua descoberta, na sua compreensão. Pintar é também criar a realidade.»

Como espectador (e não como criador) perante um quadro da Zé Ventura, humildemente confesso: para além de uma atitude de elaborada reflexão, tenho uma atitude de comovida contemplação - porque a vida, a realidade e o sonho que irrompem da tela, me perturbam e emocionam profundamente.

Em Março de 1986, Zé Ventura diz:

«Na pintura, a primeira emoção são as cores. A pintura acontece... não se diz por palavras... é o acontecer das cores, das formas, das linhas, do movimento, da luz... é o meu acontecer. Faço sempre a selecção das cores quando vou começar um trabalho, seja ele de pintura ou de tear. O resto vai acontecendo. O meu trabalho é a procura constante do sentir. Perco-me no tempo e sou as cores, o movimento, as formas, o espaço infinito que me envolve. Sinto a natureza como fazendo parte dela.»

Esta integração na natureza é de tal forma evidente na sua obra, que a artista consegue projectar no espectador esse seu *naturalismo interior* e embrenhar-nos por labirintos vegetais, por outonos incandescentes, por feixes luminosos atravessando espessuras de bosques, por bandos de pássaros migrantes, ou por percursos húmidos, aquáticos, em que se vê, se sente e se ouve o respirar do mar, o coaxar das rãs nos pântanos, o crescer dos juncos nos lagos. É aqui, neste **naturalismo abstracto**

que se descobrem as cores, todas as cores do Algarve. Mas não só as cores - a luz, os sons, os cheiros. Porque os quadros da Zé Ventura não são só para ver - são para sentir, cheirar e ouvir: a fofura das folhas mortas e do húmus que se nos agarra aos pés, o odor da chuva acabada de cair (mas que ainda goteja dos troncos), o rumor do vento e do mar, o canto do pássaro ou a música do silêncio. Por vezes, há gritos e ecos por sobre toda esta expectativa.

O carisma desta sua incorporação na natureza é genético, vem-lhe das origens: os pais nasceram nas Caldas de Monchique, onde os avós viviam, e ela, a primeira dos quatro filhos do casal (que então residia em Monchique, onde trabalhava) foi nascer a uma clínica de Lagos. Mas, como diz, a sua «primeira viagem foi para Monchique».

Serra e Mar. Azul e verde. E a luz, todas as cores luminosas que lhe encheram os olhos desde que os abriu para a vida. Mas, no seu *crescer*, são inesquecíveis os passeios com a avó materna pela Mata, pelo Paraíso, bebendo o jacto e a frescura da Fonte dos Amores, ouvindo as quedas de água na ribeira, brincando no Parque ou às escondidas por entre os arcos de pedra... o ir viver mais tarde para Portimão, junto ao rio... Tudo isto marcou a sua infância, a sua juventude, a sua sensibilidade.

Não podem deixar de ser referidos, porque de muita qualidade, os desenhos da década de 80. Muitos deles apresentados nas Exposições de 82 e 84 no Mercado de Escravos, em Lagos.

Mais do que o rigor e firmeza do traço, é sobretudo a naturalidade, a fluência, a sugestão e a linguagem, o que mais impressiona.

Em grande parte esses desenhos confrontam-nos com um cortejo de personagens, de retratos de mulheres, de cabeças sobre o pedestal do pescoço, que saem do papel e nos enfrentam, e que falam, falam, de boca fechada, e contam, contam, no fundo dos olhos, histórias e vivências. Entre dois traços o olhar profundo que traz à tona o sentimento, um estado de espírito, uma amargura do passado, uma inconsciente esperança de futuro. Também a calma, o medo, o assombro estampados nos rostos, numa leitura de alma, quase sempre nua, boiando à flor da pele. Tudo isto com traço ora rápido e frenético, ora derramado numa languidez dormiente. Bocas fechadas, silenciadas pela emoção, pelo sentir que transborda dos olhos, dos grandes olhos, que saem do papel, que nos agridem, nos acusam e condenam. Ao mesmo tempo, olhos de espanto pela surpresa do mal, de um mundo que não é o seu, porque o seu mundo interior é doce e maternal, meigo e sufocado. Emergindo de um verde de esperança, o roxo das equimoses da alma, os grandes olhos das noites não dormidas, do medo dos fantasmas da noite e da vida.

Mulheres de chuva, mulheres empalhadas, mulheres vermelhas que não chegam a ser desejo, amarelas que não chegam a ser sol. A mulher-sudário, apenas uma marca de tinta ou de sangue derramado na imaginação. As mulheres-sombra, as mulheres sofridas, as recalçadas e violentadas. Um desfilar das mulheres castradas (e clonadas) de "A Casa de Bernarda Alba".

Mas também há o rapaz mal-amado, numa agonia azul, ou o rapaz geométrico, construído a rigor, que se esboroa na frustração. Ou a cabeça do "Orlando" (da Virgínia Woolf) que não se sabe se é homem ou mulher. Os grupos de jovens riscados de incertezas, de dúvidas, mas que se nos impõem como uma realidade. Manchas de tinta esfumada, imprecisa, que se tornam gente, gente que nos espreita e diz eu estou aqui. Traços que se desfiam e franjam, formando rostos, contando a história que se lhes lê nos olhos.

Extraordinária esta galeria de retratos! Que só por si merece uma exposição temática.

Em 1986 a artista sofre um profundo abalo com a morte do irmão Guido, vitimado por um acidente de aviação

(deixando órfão o André, nascido em 85).

O seu trabalho ressurte-se desse choque emocional, e só mais tarde repara que a pintura dessa época é quase toda a preto e branco, por vezes misturados com o vermelho. E surgem quadros que são uma topografia do sentimento, labirintos da alma, o (es)correr do tempo, de dias negros. E surgem os cavaleiros do apocalipse através de transparências geladas, a prisão e o sangue dos campos de Auschwitz, ou a sugestão dos leques da habanera (da Carmen, de Bizet) com a carga dramática de uma orquestra dirigida por um invisível. São transparências megalíticas, destroços no fundo do mar, lágrimas do céu num ancoradouro de desespero. Mas sempre fragmentos, estilhaços, impressionantes sinais de desconstrução.

Só dois anos depois (1988) volta a expor.

Os conhecedores e amantes da Arte, começam a reparar em Zé Ventura (Maria José Martiniano Ventura, de seu nome completo) e na sua projecção plástica. Logo em 1989 e 90, por ter visto alguns trabalhos seus na Bienal de Lagos, Hans Georg Schmid, Presidente da Associação Cultural Alemã GAIA, visita-a no atelier e convida-a para fazer parte dos artistas da Associação.

Em Abril de 1994, no semanário "Expresso", Maria José Mauperrin, num artigo intitulado "Reinventar os Tecidos", revela a Artista, a sua maneira de ser, os seus trabalhos. E, logo a seguir, integrada num grupo de dez artistas plásticos internacionais de nomeada, vai à Alemanha participar numa Exposição da GAIA, que teve lugar no Castelo de Niederranau. Uma professora da Universidade de Augsburg conduz uma visita guiada e comenta os seus trabalhos.

O Presidente da GAIA, analisando o significado e conteúdo da sua obra, escreve um importante comentário filosófico-cultural do qual se destaca:

«(...)Estes progressos a nível de pensamento na busca de uma perspectiva de vida e de existência mais global reconheço-os também nos trabalhos dos artistas plásticos contemporâneos e nas formas dos seus representantes, tal como sucede com a Zé Ventura. (...) Também no trabalho em análise da Zé Ventura consigo reconhecer esta busca de equilíbrio, a paisagem algarvia, as pessoas, as ideias, a sua família e os seus amigos, os admiradores da sua obra que a gravam na sua memória e numa acção recíproca são influenciados por ela. Neste sentido, a artista consegue, tal como sucede com a própria vida, criar as condições da sua existência.

O tempo, o espaço, a luz, a estrutura, a cor... enquanto construções do espírito humano devem ser vistas a par da formação de conceitos por parte dos intelectuais.

A Zé Ventura apresenta-nos nos seus trabalhos os seguintes conceitos numa forma figurativa:

O tempo como momento, com grande energia numa permanente renovação;

O local como fixação, enquanto conteúdo do olhar;

A estrutura como forma, criada pelo conteúdo do essencial;

A luz e a cor como reflexo do local, do material e do próprio olhar;

A imagem como parte do eu que se reflecte e participa.

O proveito que se retira ao analisar o trabalho da Zé Ventura fundamenta-se na intensidade, na paixão que o seu trabalho consegue criar. Ela indica-nos novas perspectivas e novos mundos deixando-nos tomar parte num emaranhado harmonioso de visões universais pós-perspectivas cheias de interesse.»

Um valioso testemunho da "paixão" que o seu trabalho consegue despertar.

Em 1998 torna a expor na Alemanha, desta vez no Convento Dominicano de Wettenhausen, integrada no evento cultural Kunst Kontraste.

E no Verão de 2001, a revista inglesa «Essential Algarve», na sua secção de Arte, dedica-lhe três páginas com um

texto da jornalista Barbara Fellgiebel e fotos de Paul Barnhardt.

Em 2000, no âmbito da Presidência Portuguesa da U.E., Zé Ventura foi convidada a participar num programa de actividades culturais que teve lugar em Varese, junto ao Lago Maggiore, num dos mais belos e românticos cenários de Itália.

Nesta Exposição de artes aplicadas contemporâneas, chamada «**Objectos com Alma**» e classificada de «**mostra de criatividade em estado puro**» os trabalhos da artista foram apresentados como «**pintura texturada**» e «**pintura que se pode vestir**».

Extremamente elogiosa e sugestiva esta designação de pintura para vestir! Uma extensão do que já Oscar Wilde dissera: *"Deve ser-se uma peça de arte ou vestir-se uma"*.

Os seus objectos têxteis (casacos, coletes, capas, panos pintados) são peças de arte e vestem com um requinte de moda. A artista tem tecelagens que parecem pintura, e pinturas que parecem tecelagem.

«Comecei a trabalhar no tear por curiosidade - diz ela - é um aparelho complexo mas que trabalha de uma forma muito simples. Toda aquela envolvente estrutura impressiona e ao mesmo tempo é de uma delicadeza de instrumento musical. Trabalho com três teares diferentes na confecção das minhas peças: dois de pedais e um de mesa ou de alavanca.»

Pintar e tecer são duas formas quase indissociáveis de se exprimir. Ela tece pintando as cores, os sentimentos, as visões interiores. E pinta tecendo a trama das emoções, a luz que a invade. Não se pode dizer que qualquer destas formas de arte serve de suporte à outra - elas completam-se, harmonizam-se e valorizam-se reciprocamente. Por impulso pratica a regra de que *«cada cor deve estar no sítio exacto, como quando falamos cada palavra deve estar no seu lugar; de contrário o que tecemos ficaria sem sentido»*. E confirma a opinião de que *«cada tecelão (...) é um pouco o cantor elogioso e o sacerdote da organização cósmica e sociológica que estes instrumentos (de tecelagem) representam»*.

Como tal, repare-se no notável conjunto de cinco casacos, cada um com as cores dos Oceanos -

Atlântico, Pacífico, Índico, Ártico e Antártico. Ondulam, cheiram a mar, têm uma profundidade e ao mesmo tempo uma evidência e diversidade de cores que impressiona. (Por exemplo: no Ártico, em tons de cinzentos glaciares, boiam e deslizam fragmentos de gelo). No casaco vermelho, a que chamou "Paixão", crucificado numa cruzeta, com "as mãos" a tocar na moldura, num sentido de abrangência universal, escorre uma sangrenta agonia de dor, a par da chama do desejo ou da obsessão amorosa.

Já em Junho de 1997 a revista alemã "TEXTILWIRTSCHAFT" nas suas páginas de Moda e com a reprodução de um dos seus quadros, salientava nestes termos a importância do desenho nos tecidos dos estilistas:

«H. G. Schmid é Presidente da Associação GAIA que desenvolve a sua actividade sobretudo no sul da Alemanha e que conta, entre os seus Membros, com artistas residentes nos Estados Unidos. Entre os Membros desta Associação Cultural encontramos artistas cuja formação se iniciou no design de têxteis ou artistas, como a portuguesa Zé Ventura, que utiliza os têxteis na sua forma de expressão artística. E as suas ideias, que ela desenvolve dando-lhes vida no tear manual, e as pinturas em tecido, são propostas adequadas à prática têxtil»

Em 2002, ao apresentar no Museu Nacional do Traje, em Lisboa, a exposição individual "Cores Tecidas", a Directora do Museu, Madalena Braz Teixeira, disse:

«o que Zé Ventura faz no campo cultural é uma reciclagem, não de fragmentos têxteis mas da Alma e das Técnicas dos antigos tecidos, conjugando tradição e modernidade, transmutando com a sua elaboração mental e com o auxílio desse fantástico utensílio do corpo que são as mãos, o velho em novo».

E vem ao cima todo o lendário fascínio da tecelagem e da tingidura e o significado profundo das cores. A velha tecedeira peruana falava assim: *«levo comigo três bolas de massa de cores quando me desloco de uma terra para outra: branco, azul e vermelho - o dia, a noite, a vida. Os panos são histórias que falam da terra (...) Este o pano que teceu Pachacámac quando, no primeiro dia, saiu do mar: enxugou a água dos olhos e olhou e viu em cima da sua cabeça uma escuridão tão grande que se assustou. Então teceu o céu com as estrelas e cobriu com ele todo o escuro (...) Foi o primeiro tecelão. Fez o pano que envolve a vida. Mas, para todos os outros, utiliza as nossas mãos».*

A herança do primeiro tecelão chegou até aos nossos dias. Zé Ventura é sua fiel depositária. Ela traz em si e projecta em nós, o sonho e toda a ancestral magia desta arte. Com um apurado sentido de tradição. Com extraordinária inventiva e sensibilidade. Confirmando o que Anais Nin diz, citando Rank:

«O neurótico é aquele que esconde o seu sonho de si mesmo; o homem vulgar é aquele que esconde os seus sonhos dos outros; o artista é o que se sente compelido a tornar públicos os seus sonhos».

É com esta força telúrica que Zé Ventura (se) expõe.

Silva Carriço

In "As Cores do Tempo", Edição de Autor, outubro 2005

Livro editado no âmbito da FARO CAPITAL NACIONAL da CULTURA 2005 e contou com o Apoio Institucional desta assim como da Câmara Municipal de Monchique e do Ministério da Cultura. Contou também com o Patrocínio da Algar e com Apoios Gerais por parte da Câmara Municipal de Portimão, Câmara Municipal de Lagos, Villa Termal das Caldas de Monchique, Câmara Municipal de Silves e Junta de Freguesia de Monchique.

Prémio Menção Honrosa, London Book Festival, 2007

ISBN 989-20-0052-8